

CONDIÇÃO HUMANA DE PROFESSORES IDOSOS APOSENTADOS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A QUALIDADE DE VIDA NO ENVELHECIMENTO

Lilian Zieger – UNTREF/Argentina *

lilian.zieger@terra.com.br

Estela Maris Giordani – UFSM/Brasil e UNTREF/Argentina **

estelagiordani@gmail.com

Resumo: O problema do envelhecimento populacional do mundo é fato comprovado, causado por inúmeros fatores. Esse trabalho enfoca como objeto de análise a condição humana de professores idosos aposentados e as políticas públicas para a qualidade de vida no envelhecimento. Como conclusões, verifiquei que existem diferenças significativas quanto à qualidade de vida, em especial quanto a atividades de lazer e possibilidades de opção entre essas para os pesquisados.

Palavras-chave: professor idoso aposentado; qualidade de vida; políticas públicas.

Resumen: El problema de envejecimiento de la población del mundo está hecho, causado por muchos factores. Este estudio se centra en el objeto de análisis de la condición humana de los maestros jubilados de edad avanzada y las políticas públicas para la calidad de vida en el envejecimiento. Como conclusiones, señala que hay diferencias significativas en la calidad de vida, especialmente para actividades de ocio y las oportunidades para elegir entre estos a los investigadores.

Palabras clave: anciano profesor jubilado; calidad de vida; políticas públicas.

Envelhecimento populacional e a situação do professor aposentado

A sociedade contemporânea se depara com o aumento da longevidade humana e uma das significações atribuídas a este fator tem sido da inutilidade de quem ficou velho. Tal compreensão gera, portanto, uma nova realidade permeada por contradições e conflitos. Como resistência a esse quadro, surge um repensar sobre o significado do envelhecer e a qualidade de vida nesta fase do desenvolvimento humano. Neste contexto, são urgentes estratégias que se direcionem à reconquista da cidadania de homens e mulheres idosos.

A consciência do envelhecimento como processo do ciclo de vida natural faz com que seja estabelecida a busca pela qualidade de vida em seu cotidiano. A proposição da necessidade de transposição dos níveis da consciência é matizada pela luta contra a hegemônica idéia de que homens e mulheres idosos estão agravados pelo fenômeno patológico da velhice, uma fase que para muitos é sinônimo apenas de degradação humana pelo tempo.

Por várias décadas, na história da humanidade, o ser humano idoso foi objeto de abandono. Movimentos sociais da atualidade provocaram uma nova visão da necessidade desse sujeito: ser cuidado! O distanciamento entre o abandono e o cuidar e o papel da autonomia como direito e necessidade humana consistem num espaço de reflexão importante para a busca da qualidade de vida na velhice.

Ser cidadão está correlacionado ao estado democrata de uma sociedade, onde os sujeitos organizam e participam desta com direitos e deveres sobre a mesma. Na Constituição Brasileira, sancionada em 1988, em seu Artigo 1º, a cidadania se configura como um dos principais fundamentos do Estado Democrático, pois integra os direitos e os deveres na sociedade em que se deseja viver. Esse mesmo documento registra a obrigatoriedade com a velhice que a família, a sociedade e o Estado possuem, resguardando, assim, os cidadãos idosos em seu envelhecimento. Tal obrigatoriedade fundamenta-se na necessidade de se cuidar do idoso. Mas questiona-se: esse cuidado pressupõe qualidade de vida? O cuidado oferecido respeita o espaço de autonomia e decisão do idoso sobre sua própria vida?

Para Filomeno *apud* Braga (2006) cidadania é a qualidade de todo ser humano, como destinatário final do bem comum de qualquer Estado. Esta qualidade implica o reconhecimento de toda a gama de direitos individuais e sociais, mediante tutelas adequadas colocadas à disposição pelos organismos institucionalizados, bem como, a prerrogativa de organizar-se para obter esses resultados, ou mesmo o acesso aos meios de proteção e defesa. Essencial se questionar que tutela seria essa e se a sua adequação considera a necessidade e desejo do idoso!

Num Estado neoliberal o aposentado, de forma geral, é um ser humano já excluído do processo formal de produção de riqueza, sendo percebido pela sociedade como um peso morto para essa. Nosso mundo capitalista é movido pelo capital e o seu fim é o lucro. Para muitos, nessa concepção de mundo, aposentados não dão mais lucro! Sob essa perspectiva, as pessoas idosas aposentadas estão mais vulneráveis à desvalorização na sua dignidade e nos seus direitos e necessidades, pois, em sua maioria, não fazem mais parte do processo de produção e lucratividade. O sucateamento da Previdência Social em nosso país é sintoma desse processo. Quem não produz mais para o mercado capitalista está sujeito ao isolamento do convívio social.

O magistério, de forma geral, ainda não consiste em profissão com valor social e reconhecimento devido, pelo seu papel essencial ao desenvolvimento de nosso país. A exclusão social de milhões de professores idosos aposentados não pode continuar! O

povo brasileiro precisa resgatar a memória nacional e mostrar às novas gerações que tudo o que vem sendo feito e construído no Brasil de hoje foi possível porque as gerações mais velhas prepararam esse caminho.

Qual a condição humana de professores idosos aposentados e as políticas públicas para a qualidade de vida no envelhecimento? Caminhos da pesquisa...

Com o desenvolvimento da pesquisa, creio contribuir para o conhecimento da realidade social dos professores idosos aposentados, em especial à construção de um projeto de vida profícuo ao sentido da existência humana. Neste sentido, se trata de uma investigação que visa, principalmente, compilar e detalhar alguns aspectos possíveis em relação à qualidade de vida, trazendo a autonomia do professor idoso aposentado como elemento integrante ao processo de cidadania. O estudo centrou-se na investigação sobre os fatores geradores de qualidade de vida nessa fase, conforme a escala de .QV de Ballester e Oliver (2001).

O caráter deste trabalho não é, por conseguinte, o de esgotar o universo das informações potencialmente disponíveis e analisadas, mas de lançar à discussão a possibilidade de atribuição de significação à vida no processo de envelhecimento humano, desvelando os seus múltiplos sentidos e direções, bem como, ampliar a discussão sobre as políticas públicas para os professores idosos aposentados no Brasil.

Ao rever meu momento atual de vida, como professora às vésperas de uma aposentadoria e com a percepção de que o auge de minha vida intelectual se inicia, com vivências acumuladas em trinta anos de magistério e finalizando um curso de mestrado, percebi que esse estudo se matiza de muitas cores e interrogações importantes: qual o destino de professores aposentados em condições de trabalhar pela causa da educação em seus ambientes de vida? Como continuar contribuindo para a qualificação da educação em nossas comunidades? Que sentidos tem a aposentadoria, numa fase em que nos percebemos ainda com energia, coragem e vontade de trabalhar pela educação? Qual a qualidade de vida que nos espera na aposentadoria, num país que, ainda, os professores não têm a devida valorização?

Do ponto de vista teórico, esse estudo apresenta um avanço quanto ao estudo multifatorial da qualidade de vida do idoso, enfocando de forma especial os professores e as políticas públicas brasileiras voltadas a essa população que, por vezes, se encontra no auge de sua vida intelectual e vê seu potencial relegado ao abandono social. Já do ponto de vista prático, as contribuições deste trabalho investigativo caracterizam-se pela

proposição de políticas de valorização da participação dos professores aposentados na construção das próprias políticas para idosos aposentados, assim como das políticas educativas, a partir das experiências acumuladas em anos de vivências escolares e conhecimentos teóricos construídos por esses sujeitos, num espaço diferenciado das associações de aposentados e de programas sociais para a terceira idade.

Ser professor ativo no nosso país consiste num ato de coragem, por ter que enfrentar a desvalorização social da profissão, o estado de penúria das escolas públicas, a violência escolar como resultado de uma sociedade que está doente por falta de ética, justiça, dignidade, humanidade! Ser professor idoso e aposentado é enfrentar “leões” a cada dia: preconceito de inutilidade, falta de condições mínimas de saúde pública e assistência social, o isolamento pela visão de “não produtividade e lucro”, o afastamento da família pela correria da vida hodierna sufocante, e tantos outros fantasmas que permeiam o caminho cotidiano desses seres humanos.

O problema de pesquisa desse estudo consiste em responder ao questionamento: Qual a condição humana de vida do professor de ensino fundamental idoso e aposentado e as políticas públicas necessárias para essa população?

Consistem em objetivos da pesquisa realizada: verificar a condição humana do professor idoso aposentado, em relação aos fatores de qualidade de vida (QV), conforme o instrumento padronizado de escala de QV de Ballester e Oliver (2001); avaliar quais os indicadores de QV que apresentam significação na população estudada e propor mudanças necessárias nas políticas públicas para os idosos, enfocando em especial os professores aposentados.

O universo de estigmatização do idoso no Brasil carrega consigo o questionamento sobre a lógica dessa compreensão, ou mesmo, a necessidade de uma incursão pelos caminhos que hoje determinam as imagens do envelhecimento humano. Nesse ínterim, se torna interessante acompanhar a reflexão de Hall (1997) acerca da construção de representações sociais, de como se materializam no mundo das idéias, pois para o autor há uma associação direta entre representação, cultura e linguagem. Para Hall (1997), a cultura tem a ver com os significados partilhados, num conjunto de práticas, a linguagem é o meio privilegiado com que se dá sentido a tudo isso. Sustenta que o diálogo possibilita a construção de uma cultura de entendimentos partilhados, por conseguinte, a interpretação do mundo.

Hall explora o conceito de representação sugerido por *Shorter Oxford English Dictionary* (Onions, C. T. , Little, W., Fowler, H. W. Coulson, J., 1933) que já atribuída na década de 30, dois significados ao vocábulo velho: o primeiro registra que representar é sinônimo de descrever ou recordar através da descrição, retrato ou imagem, trazer uma semelhança à mente ou aos sentidos; como por exemplo, tem a frase: Esta figura representa o assassinato de Abel por Caim. Para o segundo, representar significa simbolizar, significar, ser amostra ou substituto. Tem o exemplo, a frase: “No cristianismo, a cruz representa o sofrimento e a crucificação do Cristo” (p.11-12).

As razões que levam as sociedades a cronologizar a vida humana, padronizando infância, adolescência, idade adulta e velhice, podem ser pensadas como resposta às mudanças estruturais na economia, devida à transição de uma economia doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho (Debert, 1999, p.51).

As condições de pobreza e marginalidade dos trabalhadores idosos, participando desse grupo os professores em geral, têm correlação negativa entre velhice e modernidade, pois foi a partir do século XVIII, na Europa, sob o advento do trabalho assalariado que o trabalhador foi forçado a ser responsável pelo próprio sustento, através da venda da sua força de trabalho.

O envelhecimento das primeiras gerações de operários marcou a associação entre velhice, pobreza e incapacidade, pois se tratava de um segmento da população impossibilitado de vender a força de trabalho, quer pelo avanço da idade, quer pela incapacidade física, constituindo, assim, um grupo dependente de alguma assistência. Nesse mesmo período, observa-se o declínio da produção familiar, reduzindo o seu sistema de remuneração e dificultando aos filhos o cuidado com pais envelhecidos (Debert e Simões *apud* Lima, 2001, p.52-53). Os processos de urbanização, de industrialização e de modernização corroboraram ao declínio do *status* de idosos e sua degradação nas sociedades contemporâneas. Estava gestada, a partir daí, a idéia e o reconhecimento da velhice como um “contraponto à idade de ouro”, idade pela qual todos poderiam ser respeitados (Lima, 2001, p. 55).

Debert e Simões (*apud* Lima, 1994), em seus estudos, alertam que diferentemente de outras categorias, “os velhos não dispõem de meios sociais, nem de instrumentos de acesso à expressão pública” (p. 63), fazendo crer a necessidade de reconstrução das definições e das dimensões da velhice e de envelhecimento.

Ser professor idoso e aposentado consiste, portanto, em situação de risco que pode levar à condição de preconceito, pobreza e isolamento social. Palma (1999, p. 42) analisa, como um dos fatores causais do preconceito contra idosos, a mudança ocorrida na estrutura familiar brasileira da metade do século passado para nossos dias. Na sociedade rural que havia em nosso país, onde na família patriarcal o pai, apesar de idoso, mantinha o poder sobre os filhos e a família, o idoso era uma pessoa ouvida e seguida, por sua sabedoria e experiência de vida, ou mesmo pelo seu controle do poder político e econômico. Tinha, ainda, o papel de mantenedor dos costumes, valores e tradição. Nessa sociedade, o professor detinha o papel de liderança importante, respeitada e seguida como modelo das gerações mais jovens.

Nesta investigação sobre políticas públicas para professores idosos aposentados, com ênfase na condição humana na aposentadoria e qualidade de vida, parti dos seguintes pressupostos: a) a aposentadoria e o conseqüente afastamento do mundo do trabalho pelo professor idoso podem gerar sentimento de perda de sentido de viver e diminuição da QV. b) as políticas públicas para idosos no Brasil não vêm atendendo a todos os sujeitos e suas expectativas de vida. c) o continuar trabalhando poderia ser um dos sentidos de vida de um grupo de professores aposentados.

Quanto ao material empregado para a abordagem do tema, discussão das teorias enfocadas e a pesquisa realizada, optei pela abordagem da Teoria das Discrepâncias Múltiplas (TDM), citada por Michalos, que apresenta significação especial na medida em que vincula indicadores objetivos e subjetivos e suas correlações, demonstrando a interdependência, interação e similaridade entre eles. Para Michalos, as discrepâncias objetivamente mensuráveis são funções lineares da ação humana e seus condicionantes. A análise, portanto, foi realizada sobre os fatores apresentados no instrumento utilizado, através de MANOVAS calculadas no SPSS, versão 15.

Utilizei como instrumento de pesquisa o questionário da Escala de Qualidade de Vida de Ballester, L. e Oliver, J.L. (in CAÑELLAS e SOCÍAS, 2001). Esse instrumento foi considerado adequado para tal pesquisa por avaliar dimensões significativas de QV na velhice, tanto de aspectos objetivos como subjetivos, tais como: autonomia, situação familiar e social, situação de saúde, recursos e expectativas.

Acredito que uma metodologia de pesquisa deva pressupor um posicionamento crítico do caminho percorrido no processo científico, questionando seus limites e possibilidades. A metodologia, portanto, deve servir como instrumento a serviço da

pesquisa, através do qual possa se estabelecer relações entre seus achados e a dimensão teórica. O questionário aplicado abre esse espaço para as discussões sobre os aspectos não somente objetivos de QV, como recursos, por exemplo, mas subjetivos, ou seja, os percebidos e avaliados pelos sujeitos da pesquisa, como expectativas de futuro.

Optei por uma abordagem quantitativa por essa prever a mensuração de variáveis pré-determinadas, na busca de verificar e explicar sua existência e suas relações e influências sobre as outras variáveis. A utilização de análise de frequência de ocorrências para medir a veracidade, ou não, daquilo que investigava foi importante para que pudesse estabelecer as relações entre os aspectos de QV medidos no instrumento. Essa abordagem, ainda, me possibilitou, como aponta Campos (2001), que chegasse “à regularidade do fenômeno”. (p.56) A fim de estabelecer uma escala confiável e já testada, adotei a de Likert de cinco pontos, com progressão crescente (discordo plenamente, discordo em parte, concordo, concordo em parte e concordo plenamente).

A aceleração do envelhecimento populacional no mundo hodierno consiste em realidade inegável. A diminuição dos índices de natalidade no Brasil e os avanços da medicina, associados a outros múltiplos fatores, vem provocando uma diferente pirâmide etária social brasileira. Agregado a essa realidade, o medo dos seres humanos de envelhecer e, por conseguinte, morrer gera angústias, preocupações, inseguranças, vulnerabilidades.

O estudo sobre o fenômeno do envelhecimento dos seres humanos já se encontra gravado na história das sociedades há alguns séculos. Nos diferentes momentos históricos, atribuíram significados diferentes às fases da vida dos indivíduos. Segundo Motta (in Barros, 2000, p.225) tais significados também “estabelecem funções e atribuições preferenciais a cada uma das etapas da vida na divisão social do trabalho e na família”. Nem sempre, essas atribuições têm correlação com fatores firmados numa materialidade ou em base biológica, quanto às aptidões e possibilidades dos sujeitos e, sim, em relações tecidas num tempo social dinâmico e em profundas transformações.

A previsão da Organização das Nações Unidas é de que o Brasil tende a ser o mais envelhecido país da América Latina em poucos anos (Motta in Barros, 2000). Os estudos sobre o envelhecimento populacional brasileiro e a qualidade de vida dos idosos tomaram maior significação nos últimos anos estimulados, entre outros fatores, pela força de mobilização e de luta política de aposentados no Brasil.

No momento atual das políticas educativas em nosso país, a valorização do magistério tem pautado o discurso público do Estado. Pesquisar as condições humanas de qualidade de vida de professores idosos aposentados, objetivando a reflexão sobre políticas públicas que atendam tais sujeitos, portanto, consiste em tema de significação no contexto investigativo acadêmico.

Considerações finais

Os achados sobre as dimensões de QV investigadas me permitem inferir que os professores de ensino fundamental, idosos e aposentados, na sua maioria, apresentam autonomia em suas atividades básicas, porém a dispersão no item autonomia em lazer indica que existem fatores que influenciam a sua realização, sugerindo que as formas de lazer que lhes são oferecidas não atendem às expectativas de todos esses sujeitos. Ao relacionar tais resultados com os itens relativos às expectativas dos idosos e as atitudes dos políticos quanto a essas, verifiquei que os mesmos estão correlacionados, ou seja, se os políticos desconhecem as expectativas e necessidades desses sujeitos, como as atender?

No fator situação de saúde, concluo que existe um grupo significativo desses professores idosos aposentados que encontra dificuldades quanto ao atendimento a sua saúde. Em contrapartida, na dimensão situação familiar e social, constatei que os entrevistados se encontram atendidos em suas necessidades.

A situação do não atendimento às necessidades de saúde pode estar relacionada aos serviços sociais e de saúde oferecidos, pois os achados são muito significativos pelo número expressivo de sujeitos que desconhecem, ou mesmo, não confiam nesses serviços. Os itens apontados para tal situação se relacionam à baixa qualidade das instalações e à escassa quantidade e precária qualidade dos atendimentos, fato esse noticiado em todos os veículos de comunicação brasileiros nos últimos anos.

Constatai, portanto, que os professores de ensino fundamental, idosos e aposentados, apresentam condições de autonomia para decidir sobre seus projetos de vida, porém encontram barreiras quanto aos recursos que a sociedade lhes oferece. A baixa crença nos serviços sociais e as expectativas de futuro influenciadas por um contexto que, por vezes, fragiliza o idoso, diante de preconceitos e concepções de inutilidade dessa fase da vida, compõem um cenário que pode impelir sujeitos com mais de 65 anos à depressão e sentimentos de menos valia.

Programas sociais e universidades abertas à terceira idade vêm atendendo, de forma significativa, ao público feminino, com atividades em que predominam o lazer, as expressões culturais, os esportes, o turismo. Em contrapartida, as associações de aposentados têm uma maior participação de idosos do sexo masculino e inserção em ações políticas e de luta por questões econômicas, bem como, pelos direitos quanto à previdência social. Nem todos os idosos, segundo Faria (2008), optam por essas atividades oferecidas. Existe uma parcela de professores aposentados que continua se interessando pela participação nos temas emergentes de sua profissão e expressa o desejo de continuar contribuindo com a educação de nosso país.

Uma nova proposta, portanto, vem se delineando nesse contexto: um espaço diferenciado, criativo, inovador, que congregue todos os professores aposentados, independentemente do sexo, e que no uso de sua autonomia optem por orientar as novas gerações de profissionais, ou mesmo alunos, a partir de seus conhecimentos e de suas vivências. Esse se constitui em desafio a ser tecido por novas políticas públicas que enxerguem, ouçam e dêem voz aos professores idosos aposentados.

Para que esse espaço deixe o “mundo do discurso teórico” e se torne concretude, realidade viva e transformadora, a formação continuada, após a aposentadoria, com a construção de novos conhecimentos e aprendizagens das inovadoras tecnologias, precisa estar na pauta, contracenando com a valorização das histórias de vida desses sujeitos, das tradições e da memória histórica da sociedade.

Avaliar, portanto, a condição humana de professores idosos aposentados e as políticas públicas para essa fase da vida me remeteram à reflexão sobre as profundas transformações quanto às concepções que a sociedade tem em relação ao idoso. Importante observar que: o nível de escolaridade dessa população vem se modificando nos últimos anos; professores idosos aposentados apresentam características diferenciadas e expectativas de futuro que precisam ser vistas, observadas e consideradas ao se construir políticas públicas para essa fase da vida; esses sujeitos podem não desejar apenas alimento para o corpo e cuidados com a saúde física, mas continuar construindo conhecimentos; o sentido de viver é individual, na medida em que cada ser humano é único nesse mundo e tem seus próprios sonhos e necessidades, mas também existem características de grupos humanos que se identificam pelo seu passado profissional, pelos seus fazeres cotidianos de um tempo de vida ativa no mundo do trabalho e, enfim, minha expectativa de que os asilos, destino de idosos que perdem

sua autonomia de vida ou não têm companheiros com quem viver, tenham bibliotecas e muitos, mas muitos livros e jornais atualizados!

Notas

* Pedagoga. Supervisora educacional. Professora universitária. Presidente da Associação Nacional de Supervisores Educacionais do Brasil. Mestranda em Políticas e Administração da Educação/UNTREF/Argentina. Doutoranda em Epistemologia e História das Ciências/UNTREF/Argentina.

** Graduada em Pedagogia Habilitação Em Educação de Excepcionais pela Universidade de Passo Fundo (1989). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Atualmente, professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acosta -Orjuela, G. M. (1999) *Quinze motivos para "ficar de olho" na televisão*. Campinas: Átomo e Alínea, v. 1. 183 p.

Agostinho, P. (2004). *Perspectiva Psicossomática do Envelhecimento*, Revista Portuguesa de Psicossomática, v. 6, n. 1, p. 31-36. Sociedade Portuguesa de Psicossomática, Porto, Portugal.

Aiken, L. R. (1995). *Retirement: Event, Status, and Process*. In *Aging: An Introduction to Gerontology*. Sage Publications, p. 267-280.

Albuquerque, M. A. (1979). *Envelhecimento: aspectos biológicos, psicológicos e sociais*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

Angel, R.; Thoits, P. (1987) *The Impact of Culture on the Cognitive Structure of Illness*. *Culture, Medicine and Psychiatry* 11:465-494.

Ariès, F. (1981). *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.

Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. (2002-2003). Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. *Relatório Azul: Garantias e Violações dos Direitos Humanos*. Porto Alegre, RS: Autor.

Aznar, F. C; Andreu, M. A. (2005). Calidad de vida de las personas mayores. *Revista Española de Geriátría y Gerontología*, 2005; 40 (supl. 3). Universidade Complutense, Madri: Espanha.

Ball, M. M.; Whittington, F. J; Perkins, M. M. y Patterson, V. L. (2000). Quality of life in assisted living facilities. *Journal of Applied Gerontology*, 19, 204-325.

Barros, Myriam Moraes Lins de (2000). *Velice ou Terceira Idade?*. SP: Editora Fundação Getúlio Vargas

Beauvoir, S. de. (1970) *La vejez*. Buenos Aires: Sudamérica.

Bischof, L. J. (1976). *Adult psychology*. New York, Harper & Row.

Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Both, A. (1998) *Contos do Envelhecer*. 01. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. v. 01. 120 p.

Bourdieu, P. (1983/2000). *La reproduction: elements, pour une théorie dy système a enseignement*. Paris: Minuit.

Braga, H. M. (2003). *Resistência para ver: as estratégias da condição humana a partir de vidas secas, em seus horizontes de transcendência*. Teses e Dissertações. Programa de Pós-Graduação da CAPES/Brasil.

Brasil. (1999) *Constituição da República Federativa do Brasil (1988)*. São Paulo: Saraiva.

Brasil. *Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/leisdeidosos/politica_federal-dec1948.htm>. Acesso em: 07out 2008.

Brasil.

Bromley, D. B. (1966). *Psicologia do Envelhecimento Humano*. Lisboa: Editora Ulisséia.

Browne, S. e collaborator's. (1994). *The prevalence of comorbid substance misuse and its influence on suicidal ideation among in-patients*. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v 101, n 6.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Buss, P. M. (2000a). *Promoção da saúde e qualidade de vida*. In: *Ciência & Saúde Coletiva*. V. 5, 1: 163-167, Rio de Janeiro: Abrasco.

Buss, P. M. (2000b). *Promoción de la Salud y la Salud Pública: Una contribución para el debate entre las escuelas de salud pública de América Latina y el Caribe*. Rio de Janeiro: Abrasco, (apostila/mimeo).

Buss P. M. (2002) Globalização e doença: num mundo desigual, saúde desigual. *Cadernos de Saúde Pública* 18(6) nov-dez.

Buss, S. (2003). Personal autonomy. In: Zalta, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (winter 2002 Edition)* Disponível em <http://plato.stanford.edu>. Acesso em 8 de março, 2006.

Cachioni, M. (1999). Universidades da terceira idade: das origens à expectativa brasileira. In *Velhice e sociedade*. Neri, A. L. e Debert, G. G. Campinas: Papirus.

Campos, L. (2001). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia*. 2ª edição. Campinas: Alínea.

Cañellas, C. A. J. & Socias, O.C. (coord.) (2001). *Gerontología educativa. y social*. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears.

Carneiro, R. S. ; Falcone, E. M. O. . (2004) Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 9, p. 119-126.

Carp, F. M. (1966) *A future for the aged*. Austin: University of Texas Press.

Carp, F. M.; Carp, A. and Millsap, R. (1982). *Equity and satisfaction among the elderly*. *International Journal of Aging and human Development*, 15, 151-166.

Cepal (2000) *Equidad, Desarrollo Y Ciudadania*. Santiago, Chile. 333p.

Costa. E. M. S. (1998). *Gerontograma: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos e a terceira idade*. São Paulo: Ágora.

Crabbe, D. (1993). *Fostering autonomy from within the classroom: the teacher's responsibility*. System, v. 21, n/ 4, p. 443-452.

Debert, G. G. & Simões, J. A. (1994). *A aposentadoria e a invenção da Terceira Idade*. In: Lima, A. B. (2001). Trabalho em grupo: ferramenta para mudança. Petrópolis: Vozes.

Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP.

Debert, G. G. (2000). *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: BARROS, M. M. *Velhice ou terceira idade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Debert, G. G. (org., 1994). *Antropologia e Velhice*. Coletânea de textos didáticos. Campinas, IFCH, UNICAMP.

Duby, G. (1973) *Le Dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard.

Duby, G. (1998). *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP.

Emmons, R. A. (1986). *Personal strivings: an approach to personality and subjective well-being*. Journal of Personality and Social Psychology, 51, 1058-1068.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar.

Faria, J. A. (2008). *O aposentado e as exigências de mercado*. Porto Alegre: Adverso.

Fernandéz, Ballesteros e Macia (1993) *Calidad de vida em la vejez: condiciones diferenciales*. *Anuario de psicología*, Any: 1997 Núm.: 73

Ferreira, M. L. (1998) *Memória e velhice: do lugar da lembrança*. In: Barros, L. de e Moraes, M. In: *Velhice: terceira idade?* RJ: Editora FGV.

Ferreira, B. W. (2007). *Psicologia e Educação*. Porto Alegre. EDIPUCRS.

Frutuoso, D. (1999). *A terceira idade na universidade*. Rio de Janeiro: Agora da Ilha.

Giddens, A. (1998). *A Terceira Via*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Record.

Glatzer, W. (1987) Subjective Well-Being: components of well-being. In: *Social Indicators Research*, n. 19, p. 25-38.

Hall, S. (1997) *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&a.

Hayflick, L. (1974). *Como e porque envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus.

House, E. R. (1997) *Arranjos Institucionais para avaliação*. In: *Seminário Institucional de Avaliação Educacional, Anais*. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1 a 3 dez de 1997.

IBGE. (1997). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Rio de Janeiro.

IBGE. (2000). Censo Populacional do Brasil Rio de Janeiro.

Jaguaribe, V. M. F. (2005) *A recategorização no texto literário: as negociações discursivas em poemas*. Projeto de Pesquisa/Doutorado em Linguística/Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

Kane, R. A. & KANE, R. L., (1981). *Assessing The Elderly: A Practical Guide To Measurement*. Lexington: Lexington Books.

Kane, R. L. (2001). *Essentials of clinical geriatrics*. New York, NY.

Knorst, M., Silva, M. , Mantelli, C. , Bós, A. (2002). Qualidade de vida do idoso. In: Terra, N. *Envelhecendo com qualidade de vida*. 2 reimp, p. 29-32. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Kruzich, J. M.; Clinton, J. F. y Kleber, S. T. (1992). *Personal and environmental influences on nursing home satisfaction*. *The Gerontologist*, 32, 342-350.

Lawton, D. (1991) *Social class, language and education*. London. Routledge & Kegan Paul.

Lawton, M.P. (1991) *A multidimensional view of quality of life in frail elders*. In: Birren, J.E.

Lidgren, L. (1994) *Joint prosthetic infections: A success story*. NY: Guest editorial.

Lubben, J.E.; Rowe, J.C.; Deutchman, D.E., ed. *The concept and measurement of quality of life in the frail elderly*. San Diego, Academic Press.. p.3-27.

Lawton, M. P. ; Moss, M. S.; Winter, L. y Hoffman, C. (2002). *Motivation in later life: personal projects and well-being*. *Psychology and Aging*, 17, 539-547.

Lei Nº 10.741, de 10 de outubro de 2003. Estatuto do Idoso, Brasília (DF) Senado Federal.

Lima, A. B. (2001). Trabalho em grupo: ferramenta para mudança. Petrópolis: Vozes.

Lowe, G.R. (1972). El desarrollo de la personalidad. Madrid: Alianza.

Magalhães, D. N. (1989). A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio.

Magalhães, D. N. (1992) Criação dos programas de convivência e produção e dos programas de preparação para a aposentadoria. In: *A população idosa no Brasil. I Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

Mattos, R.M. (2003). Processo de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da rualização à sedentarização. Pesquisa (Iniciação Científica). São Paulo: Universidade São Marcos.

Michalos, A. C. (1985). Multiple Discrepancies Theory. *Social Indicators Research*, 16, 347-414.

Michalos, A. C. (1986). Na application of multiple discrepancies theory (MDT) to senior. *Social Indicators Research*, 18, 349-373.

Michalos, A. C. (1993) Faculty of Management and Administration, University of Northern British Columbia, Prince George, BC, V2M 4Z9, Canada

Michalos, A. C. (1995). Introducción a la teoria de las discrepâncias múltiples (TDM). *Intervención Psicosocial*, 11, 101-115.

Muchnik, E. (2006) Envejecer em el siglo XXI: historia de la vejez. 1 ed. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Néri, A. L. (1993) Qualidade de vida no adulto maduro: Interpretações teóricas e evidência de pesquisa. In: Néri, A .L. *Qualidade de vida e idade madura* (pp. 9-35). Campinas: Papirus.

Neri, A.L. (2001a) Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: Papirus,

Neri, A. L. (2001b). Palavras-chave em Gerontologia. Campinas, SP: Alinea.

Novais, Fernando A. (1998). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo. Editora Companhia das Letras.

Nunes, A . J. (2003) Neoliberalismo e direitos humanos. Rio de Janeiro: Renovar.

Okuma, S.S. (1997) O significado da atividade física para o idoso: um estudo fenomenológico. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo: São Paulo.

Okuma, S. S. (1998) O idoso e a atividade física. Campinas,SP: Papirus.

Onions, C. T. , Little, W., Fowler, H. W. Coulson, J. (1933) The Shorter Oxford English Dictionary. Oxford:: Clarendon Press.

Organización Mundial de La Salud. (1974) Planificación y organización de los servicios geriátricos: informe de un Comité de Expertos. Ginebra: OMS.

Paim, J. S. (1986). Direito à saúde, cidadania e estado. Anais da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, p. 45-59.

Palma, L. T. S. (1999). Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Porto Alegre. UFRGS. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação). Faculdade de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palys, T. S. and Little, B. R. (1983).Perception life satisfaction and the organization of personal project systems. Journal of Personality and Psychology, 44, 1221-1230.

Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). Desenvolvimento físico e cognitivo na terceira idade. 7.ª ed. Porto Alegre: ARTMED.

Paula, J. A. M. (2007) Avaliação do idoso: capacidade funcional, independência e sua relação com outros indicadores de saúde. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

Peixoto, C. (2000). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhice, idosos, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. de Barros. *Velhice ou terceira idade?* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Pereira, L. S. (1994). A Velhice: Variabilidade Histórica e Social da sua Conceptualização. In. Actas do Congresso Semana do Idoso. Envelhecimento: Os Desafios do Século XXI, 49-55. Porto.

Pereira, L. (1993) Principles and Implementation of Deductive Parsing. *The Journal of Logic Programming*, Elsevier Science Publishing Co. Inc.

Pretti, D. (1991) A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000) Projeto IBGE/ Fundo de População das Nações Unidas UNPRA/Brasil/BRA/98. POB. Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sócio-demográficos Projeção preliminares do Brasil por sexo 1980-2050, revisão 2000.

Rios, D. R. (1994). Dicionário do Estudante. São Paulo: Editora do Brasil S.A.

Rosenberg et al, R. L. (1986) Aconselhamento psicológico na pessoa. São Paulo: Editora EPU.

Ruffino AN. (1992) Qualidade de Vida: Compromisso Histórico da Epidemiologia. In *Revista Saúde em Debate* Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. Número 35, p.63. RJ.

Salvarezza, L. (1995) El Fantasma de la Vejez. Buenos Aires: Tekné.

Sami-Ali. (1974). L'Espace Imaginaire. Paris: Editions Gallimardi.

Sander, B. (2005) Políticas Públicas e Gestão Democrática da Educação. Brasília: Líber Livro Editora.

Sena, M. de F. A; González, J. G. T; Ávila, (2007) A. Turismo da terceira idade: análises e perspectivas. In.: *Caderno virtual de Turismo.* Vol. 7, n.1.

Soares, B. M. (1998) Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Stucchi, D. (2000). O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: BARROS,

Myriam Moraes Lins de Barros. *Velhice ou terceira idade?* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Terra, N. L. (2002). Envelhecendo com qualidade de vida: Programa Geron da PUCRS. 2ª reimp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 203p.

Tornstam, L. (1992). The quo vadis of gerontology: on the scientific paradigm of gerontology. *The Gerontologist*, 32, 3.

Triadó, C.; Solé, C.; Villar, F. y Osuna, M.J. (2005). La medida del bienestar en personas mayores: adaptación de la Escala Ryff. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 58, 347-364.

Veras, R.P. (1994). País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará-UERJ.

Veras, R. P. (2001) Modelos contemporâneos no cuidado à saúde: Novos desafios em decorrência da mudança do perfil epidemiológico da população brasileira. *Revista USP*, 51:72-85.

Walker, A. (2004). Calidad de vida en las personas mayores. Análisis comparativo europeo. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 39, 8-17.